

uma "carretinha", ou seja, não montado em cavalo. As carretinhas só eram permitidas para mulheres, jamais seriam utilizadas por um gaúcho ainda em idade viril.

Em seguida, temos a desqualificação dos hábitos alimentares do "ilhéu" que preferia "sopa de verduras e bacalhau" às nossas comidas: "churrasco escorrendo sangue e gordura e salmoura", "tripa assada nas brasas", "cabeça de vaquilhona", "paleta de ovelha", "mogango", "canjica", "coalhada", "beijus", "manapanças", "trago de cana", "chimarrão" e para arrematar "umas tragadas dum baio de naco bem cochado e forte".

Ou seja, para o narrador, o tal moço não sabia montar, não sabia comer, não sabia beber e não sabia fumar. Logo, ele não poderia ser um bom marido para a Sinhá Talapa, uma vez que não apreciava nossos costumes e tradições, colocando-se numa escala superior, uma vez que Blau Nunes volta a criticar não só o ilhéu como também todos seus conterrâneos portugueses, ao afirmar:

Galego, naquele tempo, era gente, vancê creia! Estância, era dele; negócio, era dele; oficial, era só ele; no para descrever o português noivo da filha era arrematante das sisas, ele; *surgião* ele; padre-vigário, ele; e para botar a milicada em cima dos continentistas... era ele! (LOPES NETO, 1998, p77).

O uso repetido do pronome "ele" serve para reforçar o quão diferente são os gaúchos (continentinos) dos ilhéus (portugueses). Essa diferença é utilizada para qualificar/desqualificar o "eu" do "outro", já tão bem explorados pelo crítico Mikhail Bakhtin, quando este afirma que

O que é que eu entendo por "eu", ao falar e ao viver: "eu vivo", "eu morrerei", "eu sou", "eu não serei", "eu não tenho sido". Eu-para-mim e eu-para-o-outro, outro-para-mim. O homem em frente do espelho. O não-eu em mim, algo que é maior do que eu em mim, o ser em mim" (BAKHTIN, 1979, p.369).

Para o narrador, é fundamental distinguir o "eu" ou o "nós" gaúcho/continentinos/Costinha/Reduzo/Siá Talapa do "ele" ou "outro" ilhéu/noivo/portugueses a fim de marcar não apenas as fronteiras geográficas, mas, sobretudo, as ideológicas e a questão da identidade cultural de cada povo.

O consagrado romancista Erico Verissimo também se utilizou desse dialogismo bakhtiniano para descrever o português noivo da filha de Joca Rodrigues, no capítulo **Um certo Capitão Rodrigo**, a seguir

O noivo da filha de Joca Rodrigues não sabia montar a cavalo com o

A moça chorava que se secava, quando caçoavam-na com o primo e o cazorio.

Era mesmo uma pena, lhe digo... cazar uma brasileira mimoza com um pé de chumbo, como aquelle desgraçado daquelle ilheu... só porque elle tinha um boliche em ponto grande!...

O cazo é que o Costinha gostava da moça e a moça gostava delle : tem, é que não atavam nem dezatavam... e o velho Severo puxava a pèra, torcendo as ventas...

O ilhéu ás vezes vinha á estancia do tio, em carretinha... ; veja vancê como elle era ordinario, que nem se avexava de aparecer de carretinha, deante da moça !... E era só cama com lenções de crivo, para o primo ; fazia-se sopa de verdura para o méco ; e até bacalháu aparecia, só p'ra elle!...

Que isto das nossas comidas, um churrasco escorrendo sangue e gordura e salmoura... uma tripa grossa assada nes brazas... uma cabeça de vaquilhona... uma paleta de ovelha ; e mogango e canjica e coalhada... e uns beijús e umas manapansas... e um trago de cana e um chimarrão por cima... e para rebater tudo, umas tragadas dum baio, de naco bem cochado e forte... tudo isso, que é do bom e do melhor, para o ilheu não valia nem um sabugo !...

Tuúh ! diabo !... Até me cuspo todo, quando me lembro daquelle escomungado !...

— Vancê esta se rindo e fazendo pouco ?... E' porque vancê não é daquelle tempo... quando rompeu a independencia lá na Côrte do Rio de Janeiro... e depois tivemos que ir p'ra coxilha fazer a guerra dos Farrapos, com seu general Bento Gonçalves, que foi meu comandante, sim senhor, graças a Deus... e mais os outros torenas !...

Galego, naquelle tempo, era gente, vancê creia ! Estancia, era delle ; negocio, era delle ; official, era só elle ; era arrematante das sizas, elle ; *surjião*, elle ; padre vigario, elle ; e p'ra botar a milicada em cima dos continentistas... era elle!...

E cada prezilha !...

Gente da terra não valia nada !...

— Que é que vancê está dizendo ?... O que nós somos hoje a elles devemos ? Qual ! E' verdade que uns inventaram plantação de trigo... isso emfim, era bom... ; sempre era uma fartura ; noutras cazas plantavam e fiavam linho... tambem não era máu, isso ; noutras cardavam lã... Algum mais vivaracho botava tenda e vendia mechiflarías ou prendas de ouro... Nalguns trocava-se uns quantos couros por um pão de assucar, e pipote de cana por qualquer meia duzia de vacas. E sempre corria alguma dobra, de salario, e algum cruzado pela peonada de ajuste.

Mas, como *quéra*... eram tuui entonados, os reinões.

Onde é mesmo que eu estava ? Ah !... O Costinha e a sia Talapa tinham juramento entre elles, de se cazarem, ainda que ella saísse de caza na garupa do namorado, si o carranção do velho Severo não consentisse. Com o ilhéu é que nunca !

Pois foi por estas alturas que os castelhanos bandearam a fronteira e o Costinha assanhou-se.

Foi uma despedida de arrebentar a alma ! Elle deixou-lhe de lembrança uma memoria e ella deu-lhe um negalho de cabelo. E combinaram que p'ra qualquer recado ou carta ou avizo, ella teria o nome de Melancia e elle de Coco-verde. Só elles, ninguem mais saberia : que era para despistar algum chereta.

E como a despedida foi de noite, e ella veiu acompanhá-lo até a porta... até a ramada, onde elle montou a

garbo e o desembaraço dos homens do interior e da fronteira. E quando entrou no povoado, meio encurvado em cima dum petiço manco e cansado, seguido de dois escravos, um santafezense que estava parado à frente da venda do Nicolau, gritou, jovial: - Cuidado, baiano! E outro, mais adiante, vendo como o forasteiro se agarrava à cabeça do lombilho, não se conteve e exclamou: - Largue o Santo Antônio, moço! (VERISSIMO, 2000, p.219-220).

Ambos narradores salientam que o "eu" gaúcho é diferente do "ele" português. Embora Erico Verissimo seja mais tolerante aos portugueses que Simões Lopes, há nitidamente uma apropriação dessa imagem, via recurso intertextual, uma vez que o romancista era leitor e admirador de Simões Lopes.

Tal marca da "identidade gaúcha" é reafirmada por meio da análise feita pelo padre Lara, o qual aponta as diferenças entre os gaúchos e os portugueses, como percebemos em:

Esses açorianos, tão apegados a suas terras, lavouras, lojas e oficinas representavam a ordem, a estabilidade, o respeito às leis, tinham vindo das Guerras Platinas, onde estiveram em contato com os caudilhos

e guerreiros castelhanos que procuravam libertar sua pátria do domínio espanhol; os homens do interior e da fronteira que amavam a ação, o entrevero, as cargas de cavalaria, a lida e a liberdade do campo, onde viviam longe do coletor de impostos e das autoridades – esses falavam em liberdade, hostilizavam os portugueses, queriam a independência. (VERISSIMO, 2000, p.221).

A preferência dos narradores pelo gaúcho é dada de forma explícita tanto na voz de Blau Nunes quanto pelo personagem do padre Lara.

No decorrer da narrativa simoniana teremos uma série de ações que utilizam a ironia e o deboche para contribuir com o desenlace feliz dos personagens protagonistas.

Costinha e Reduzo partem para a guerra, mas na despedida o casal de namorados combina um código secreto para se comunicarem em caso de necessidade. Ela seria "melancia"; ele "coco verde". Vale ressaltar que ambas as frutas simbolizam algo que está oculto, que dificulta o degustar, uma vez que a situação dos namorados é também dissimulada e escondida de todos.

O pai da moça, Severo (o nome do personagem já inspira seu caráter) aproveita a au-

cavalo... e como ventava forte, e a véla que um crioulo trazia apagou-se... parece que houve a roubada de uma bouquinha... porque elle tocou a trotezito, calado, e ella, ficou como entecada, no mesmo logar, calada... Quem não soubesse jurava que se despediam enfonados, quando a verdade é que se despediam chorando nos olhos mas tocando muzica no eoração... por cauza daquella bicota arreglada no escuro, mas que valeu como um clarão !... Ninguem viu... só o Reduzo.

Nessa madrugada o cadete marchou.

O velho Severo deixou passar um mez ou mais ; quando teve noticia de que as forças andavam bem lonje, e trançadas com o inimigo, e que ninguem de lá podia sair assim a dois tîrões... sem falar nos balazios e nos lanços—que isso era á boche ! —

134 — quando inteirou-se de tudo, mandou á Vila o capataz para vir acompanhando o sobrinho, a quem escreveu uma carta grande, fechada com mais obreias do que tragos de vinho tem um copo de missa, de padre gordo !...

Ora !... daí a uns dias o ilheu batia na estancia, de carretinha e com um carregamento de couzas. E já começaram a aferventar o cazamento.

Imajine vancê o cereo em que se viu a pobre da sia Talapa ! Eram os pais della ; a parentalha ; vizinhos velhos, cancheiros da estancia... tudo a dizer, a gabar, a achar até bonito o ilheu...

E já foram alinhavando papeis, e preparos de vestidos e doçarias, perús na engorda, leilões no chiqueiro, terneiras p'r'os churrascos.

Uma negra que havia lhe dado de mamar era a unica criatura que chorava com a moça... mas chorava

escondido, a pobre, por medo do laço... De noite, fechadas no quarto as duas abraçavam-se, rezavam e só diziam, no consolo duma esperança :

— Mãi santissima... valei-me !...

— Nossa Senhora !... manda nhô Costinha aparecer !...

Afinal chegou o dia marcado. Veiu o vigario com o sancristão e gentama de toda parte ; não digo bem : o velho Costa lunanco nem a familia não foram convidados.

135 — Mas assunte vancê como se preparam as couzas.

Pela Vila tinha justamente passado a meia redea um chasque para as forças em que servia o cadete. O chasque era rapaz novo, alegre, mui relacionado por aquelles meios ; enquanto mudava de cavallo tinha ido tomar um refresco no negocio do ilheu, e ai, pela gente da caza soube a nova do cazamento, do dia certo, dos preparos da jantarola, emfim, de tudo, tudo, pelo miudo.

E mal que apertou os pelegos, montou, — e se foi — que o rei manda marchar, não manda chover.

Quando bateu no acampamento e entregou os officios que levava, procurou a rapaziada conhecida e por tanto o Costinha, para dar a novidade do cazorio da sia Talapa com o primo.

Como touro de banhado laçado a meia espalda, assim ficou o moço. Amassou o sombreiro sobre a orelha, afivelou a espada e gritou :

— Me vou, e é já ! Reduzo !

— Pronto !

136 — Ensilha os nossos cavalos ! Já ! Vamos embora !... Dezerto !... Hei de lonquear aquelle galego ordinario !... Dezerto... Dezerto... acabou-se !

— Ensilho ? reperguntou o chirú.

— Sim, co'os diabos ! berrou o dezesperado.

sência do vizinho e manda chamar o ilhéu para realizar o casamento entre os primos. Todavia, o rapaz acaba descobrindo o plano do futuro sogro, mas depara-se com uma situação conflitante: quer ir ao encontro da amada para salvá-la do dragão, ou, no caso, do primo malvado, mas seu comandante o chamava para a batalha, os castelhanos se aproximavam, e ele, Costinha, recebera a honra de comandar o ataque aos inimigos. Um homem de honra não pode deixar seus companheiros de batalha, mas era imprescindível interromper o casamento de Sinhá Talapa. Então em uma das cenas mais exageradas da bravura guerreira gaúcha, teremos um diálogo engraçadíssimo no qual entre tiros e desvios de lanças Costinha manda seu amigo Reduzo ir resolver a parada, enquanto ele ficava ali brigando com os castelhanos, certo de que os venceria e poderia partir ao encontro de sua prenda.

O índio Reduzo demonstra grande capacidade de dissimulação e improvisação. Chega à estância de Severo e lhe pede licença para campear uns animais, que estavam fugidos da estância dos Costa, sabendo que a hospitalidade gaúcha jamais negaria água e pouso a viajante e cavalo. Logo, o índio é convidado a fazer parte da festa e este diz ao pai da noiva que em forma de agradecimento declamará uns versos em honra aos noivos. E nas duas quadras declamadas por Reduzo há o código

combinado entre os namorados:

Eu venho lá de longe,

Da banda do Pau Fincado:

Melancia, coco verde

Te manda muito recado!

(...)

Na polvadeira da estrada

O teu amor vem da guerra...

Melancia desbotada!...

Coco verde está na terra!...

(SIMÕES LOPES, 1998, p.82).

Os versos causaram tal comoção à noiva, que esta se jogou ao chão aos gritos, sendo socorrida pelas mulheres da festa, mas o noivo culpou o ilhéu pelo mal-estar e “fechou o sal-seiro, nem se sabia bem com quem” (SIMÕES LOPES, 1998, p.83). O casamento acabou sendo adiado e dois dias depois, o jovem Costinha chega à estância e pede ao velho Severo a mão da moça. Apesar da recusa inicial, os dois jovens conseguem vencer a teimosia paterna e unem-se em matrimônio e mais tarde levam o amigo Reduzo para trabalhar como capataz em sua estância.

A satisfação é explícita na voz de Blau Nunes ao contar esta “arte de namorados” con-

Neste momento o clarim deu toque de alarma... e como p'ra acoqui-
nar o pobre um cabo veio a toda
pressa chamar o Costinha, de ordem
do comandante... Veja vancê que en-
taladella!

Pelos altos das coxilhas avistava-
se uma partida do inimigo. O com-
andante então até deu ao Costinha
uma prova de confiança, pois encar-
regou-o de uma carga sobre um flan-
co dos atacantes...

E agora ? !...

Filho de tigre é pintado !...

Deante do dever o moço enguliu
a tristeza, e mesmo não quiz se des-
moralizar dezertando justamente na-
quella hora de pelea.

Mas coriscou-lhe nm pensamen-
to... e logo montou, formou a gente,
tomou a testa do-piquete e disse ao
Reduzo:

— Procura-me, que te preciso !...

137 — Dezembainhou a espada, deu um
— viva a Sua Majestade ! — e des-
pencou-se, firme nos estribos, com o
chapéu caído p'ra traz, sobre um
hombro, prezo pelo barbicacho. E a
gãuchada, reboleando as lanças, car-
regou, a gritos, fazendo tremer a ter-
ra e o ar.

O Reduzo, de pura pabolajem, atou
a cola do pingo e logo riscou, esca-
ramuçando, na culatra dos compa-
nheiros.

E foi mesmo no me'o da carga,
entre gritos, juras, palavrões, tiros, pon-
taços de espadas e coriscos de lan-
ças, pechadas de cavalos, foi nesse
berzabum do entrevero que o Costi-
nha industriou o chirú :

— Tu, sai já ; vai direito lá em
caza, mas não chegues. A Talapa,
depois d'amanhã, de noite, se caza, á
força, com o ilhéu... Tu, mata cava-
los, boleia e monta os que precisa-

res... arrebenta-te, mas chega antes do
cazamento... Não digas a ninguém,
nem lá em caza, que me viste, nem
que sabes de mim... Mas vai ao ve-
lho Severo, mete-te lá, custe o que
custar e acha geito de dizer, que ella
ouça, que o coco-verde manda no-
vas á melancia... Ella entende. Com-
preendes ?... Eu sou o Côco-Verde,
138 ella é a Melancia... Só nós sabemos
isso... e tu, agora. Vai. Tu vais adean-
te; logo mais eu sigo, si não morrer
neste revira. Vai, Reduzo !... Coco-
verde... Melancia... Não esqueças...
Abaixa-te !... abai !...

E enquanto o chirú se deitava no
pescoço do cavallo e uma lança de
tres pontas escorregava-ihe por cima
do espinhaço, o Costinha, com um ti-
ro de pistola derrubava um gadelhu-
do lanceador... e continuava o ser-
mão :

— Olha, não brigues... p'ra não
perder tempo... Olha... é depois d'a-
manhã... Si dormires, si comeres
no caminho, não chegas a tempo !...
Sempre a meia redea, Reduzo ! Eu
não posso dezertar agora... Sinão, eu
ia... Vou logo... amanhã. Tu, agora !...
já sabes : Coco-verde manda novas a
Melancia...

Diz oomo quem não quer... Só
ella entende... O que é preciso é que
ella ouça...

— Acuda aquelle, patrãozinho, que
eu tempéro estes !...

Isso disse o chirú e esporeando o
fiete atirou-o contra dois dezalmados
que iam degolar um ferido... embor-
cou-os á patadas e logo gritou ao
moço :

139 — Já sei tudo ! Deus ajude ! Lá
le espero...

E riscou campo fóra, rumo da
querencia, ainda batendo na boca,
num pouco cazo dos castelhanos !

tribuindo para o excelente fluxo narrativo promovido pelo conto, talvez porque tal texto vale-se daquilo que falou Walter Benjamin:

A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes últimos existem dois grupos que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se tivermos presentes ambos esses grupos. "Quem viaja tem muito que contar", diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair de seu país e que conhece suas histórias e tradições. (BENJAMIN, 2012, p.214).

Vê-se em *Melancia e Coco Verde*, assim como em todos os contos em que Blau Nunes é o narrador eleito para contar as epopeias gaúchas, que ele, sem dúvida, se encaixa no perfil benjaminiano de narrador "camponês sedentário" que vai conhecer profundamente as tradições culturais de seu povo e tem orgulho e prazer em contá-las e recontá-las.

E batei na marca!.. Boleon e mudou cavalos alheios, pediu outros no caminho, tomou um, á força, largou os arreios porque rebentou-se-lhe o travessão e não tinha tempo para remendal-o, mas com duas braças de sol, na tarde do casamento, veio dar no velho Severo, de em pêlo — pelego, e freio —, as boleadeiras na cintura, o facão atravessado no cinto, e sem mais nada; moído, estrouzilhado, estrompado, varado de fome, com sono, com frio, mas ainda de olho vivo e lingua pronta, contando uma rodela mui deslavada... que vinha de caza, andava campeando umas tambeiras.. e uma vaca mocha, que não apareciam no gado mauzo, havia dois dias!..

O velho Severo pasmou...

— Uéh! chiru!.. Pois tu não tinhas ido com o seu Costinha?

— Eu?... Não sr., patrão!

140 Fui só levar uns cavalos até o meio do caminho e dei volta. Diz que lá bala é como chuva... e lança, como rozeta!.. Não vê!.. E delle mesmo, nem noticia nenhuma, té agora...
— Vancê dá licença de campear os *alimaes*?

— Deixa isso p'ra amanhã.

Hoje estamos de festa. Fica aí, p'ra tomares um copo de vinho e comer uns doces á saude do noivado... Vai p'ra o galpão...

— Sim, senhor patrão;

Deus lhe pague. Eu hei de fazer uma saúde, sim senhor...

— Pois sim, pois sim; vai!

O sorro entrou no galinheiro...

Quando apeou-se, o chirú estava de pernas duras; aguentou-se como um tigre, p'ra não dormir.

Dai a pouco pegaram a jantarola. O casamento ia ser de noite, depois da comida; depois, baile. Havia uns quantos cantadores, e violas; dava

p'ra dansar a tirana, o anú e a mancada na caza grande e no terreiro.

O Reduzo foi se fazendo de sancho rengo... e foi se encostando p'ra janela da sala de jantar..., e por ali foi comendo e bebendo, como soldado estradeiro, que não se aperta...

A noiva estava como um defunto: branca, esverdeada, de olhos fundos e chorando sem alivio; a negra, ama, atraz della, muito retinta, só mechia o branco dos olhos, parecia uma alma penada, do purgatorio...

141

O ilheu é que estava solto!..

Parecia que tinha bicho carpinteiro, o desgraçado!..

Só estava era meio vendido com o geito da noiva, mas finjia não se dar por achado, o velhaco...

Um convidado levantou-se e fez uma saúde; depois outro, e outro e ótro; cada um fazia o seu verso. Havia rizadas, o noivo agradecia... a noiva chorava.

Os convidados aplaudiam; moças tambem botaram versos; os rapazes respondiam; foi se virando tudo numa alegria geral.

Nisto o capataz da estancia chegou á porta e pediu licença p'ra oferecer um verso á saude do noivado, e botou uma decima bem bonita. Outros, posteiros e agregados, tambem.

Nesse entrementes o velho Severo perguntou:

— Que é do Reduzo? Oh! Chirú?..

— Pronto, patrão, respondeu o caboclo.

— Então?... e a saúde prometida?

— Já vai, sim senhor!

142 E amontoando-se para a meza, bem junto dos que estavam sentados, frente a frente dos noivos, olhando p'ra sia Talapa o chirú levantou o copo e disse:

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos**. São Paulo: Ática, 1998.

Jaqueline Koschier

Eu venho de lá bem lonje,
Da banda do Pau Fincado :
Melancia, coco-verde
Te manda muito recado !

E enquanto todos se riam e bati-
am palmas, enquanto o ilhéu se ar-
reganhava uuma gargalhada gostosa,
e o velho Severo, mui joco zo, grita-
va — gostei, chirú! outra vez! — e
enquanto se fazia uma paradita no
barulho, a noiva se punha em pé co-
mo uma mola, e com uma mão gru-
dada no braço da ama, já não cho-
rava, tinha um coloreado no rosto e
os olhos luziam como duas estrellas
pretas!...

Lindaça ficou, como utua Nossa
Senhora !

O Reduzo aproveitou o soflagran-
te e soltou outro verso :

Na polvadeira da estrada
O teu amor vem da guerra :...
Melancia desbotada !...
Coco-verde está na terra !...

143 [Amigo ! Nem lhe sei contar o
resto !...

A noiva atirou-se p'ra traz e pe-
gou aos gritos.

A gente da meza levantou-se to-
da; o mulhero correu, p'ra acudir...

O padre vigario benzia p'ra os
lados...

O ilhéu olhou para o Reduzo, viu-
lhe o facão atravessado... e tomado
dum mau espirito, gritou furiozo e
escarlante :

— Foi esse negro, com tanta ar-
ma, que estarreceu a menina !

Um que estava perto do chirú
gritou-lhe na cara :

— Que dezaforo é este ?...

O Reduzo — cuê-pucha ! indio
dente seco! — largou-lhe os cinco man-
damentos, de em cheio !

Porem cairam-lhe em cima; foi
uma desgraçeira !

O ilhéu, do outro lado da meza
sampou-lhe com uma botija de bebi-
da, que acertou bem entre o queixo
e o ouvido do chirú...

Fechou o salseiro, nem se sabia
bem com quem.

Nessa inferneira o Reduzo mer-
gulhou por baixo da meza e quando
surdiu, foi para arriar o braço, dar
uma volta na traíra e reunir o ilhéu...

144 [E antes que o picassem — que o
picavam! — pulou por uma janela e
se foi ao galpão onde montou no pri-
meiro matungo que encontrou e abriu
os panos !...

O resto é simples.

Passados dois dias chegava o Cos-
tinha, como bagual com couro na co-
la ; e apresentou-se ao velho Seve-
ro, pedindo a mão da moça. O velho
teve de dezembuchar, contar o com-
promisso em que estava e que até
havia se demorado o casamento por
cauza dum estrupicio mui bruto, que
tinha havido... O Costinha não quiz
saber de nada... armou banzé...; veiu
a moça á fala...

Vancê imajina : rebentou o laço
p'ra mais de quatro...

P'ra não afrontar o velho Severo,
o Reduzo teve de andar escondido.
Tempos depois do Costinha já caza-
dô, então o chirú tomou conta dum
posto; depois passou a capataz

Era o confiança da caza.

Veja vancê que artes de namora-
dos : Melancia... Coco-verde !...

ENTREVISTA COM LUÍS BORGES

Por Ana Luiza Nunes Almeida

01 - Na sua opinião, ao restringir a literatura simoniana somente ao entendimento do próprio texto, não seria uma forma reducionista, enquadrando-a no "regionalismo localista"? Para enquadrá-la no "regionalismo universalista" não seria necessário, também, levar em consideração os aspectos sociais que cercam a diegese?

Esse conceito de "regionalismo local" e "regionalismo universal" foi expresso por José Pozenato (1974). Faé (2011) ao aprofundar a análise desses conceitos aplicados a Simões prefere o termo "regionalidade", tornando mais precisa essa distinção. Talvez se possa caracterizar a diferença do seguinte modo: o ontós do regional tem por objetivo fixar uma identidade por exclusão, enquanto o ontós da regionalidade busca, sem perder uma referência particular, delinear arquétipos universais da condição humana, que é o que faz a alta literatura de João Simões Lopes Neto. A partir disso, eu não acho que seja possível o entendimento de um texto ou de qualquer obra de arte como um objeto isolado. Um texto sempre estabelece relações, para dentro e para fora de si mesmo, com uma série de elementos, tais como o horizonte de expectativa do leitor, o qual necessariamente carrega para a leitura sua bagagem cultural e sua experiência de vida. Não bastasse isso, quando tratamos da literatura de Simões Lopes Neto devemos atentar para o fundo histórico (ou folclórico) que emoldura a diegese. Ess fundo histórico se entrelaça com ela de tal maneira que ele praticamente é o artifício fundamental da construção narrativa, conferindo verossimilhança à estória. Assim, embora em certo sentido se possa considerar a obra de arte um objeto intemporal, ela não está flutuando na história, alheia às condições de produção, às lutas políticas e as ideologias em disputa no seio de uma determinada sociedade. Evidentemente, todos esses elementos não interferem, nem determinam a análise de uma obra enquanto produção estética, mas não podem ser ignorados, eis que eles fomentam e orientam, na medida em que os críticos se forjam socialmente, os juízos críticos. Não se pense que tal abordagem relega a face artística a segundo plano, voltando-se à sociologia da literatura. Acredito que a investigação histórico-crítica, no caso em questão, da relação

entre os aspectos ficcionais e não ficcionais da obra simoniana, pode abrir uma nova chave hermenêutica do conjunto da obra do escritor pelotense.

02. O discurso simoniano ultrapassa o localismo e engloba o testemunho histórico, mas não se resume em simples documentário da vida campeira. Quais os componentes que o senhor destaca para que a obra de João Simões Lopes Neto seja definida como "regionalismo universalista"?

É verdade que a obra simoniana engloba o testemunho histórico, aliás, bem preciso do ponto de vista informativo. Também é correta a afirmação de que não se resume a isso. Contudo, em que medida o discurso de Simões Lopes Neto ultrapassa o mero documentário da vida campeira ou bélica me parece exigir ainda algum aprofundamento, uma vez que esse entendimento já está estabelecido mais como um pressuposto do que como umnexo explicativo. A própria trajetória da recepção dos Contos gauchescos em sua fase incipiente (1912-1926) nos dá uma ideia dessa fronteira aparentemente borrada. Tanto na crítica de Januário Coelho da Costa, quanto na de Antônio de Mariz, por exemplo, vê-se a defesa do caráter literário do livro, mas, contraditoriamente, sustentado pelos seus méritos de repositório da história, do registro linguístico, dos costumes etc. Ao longo do tempo, os instrumentos críticos se foram refinando e, portanto, essa equivocada interpretação sociologizante dos méritos literários da obra de Simões foi escasseando, sem, todavia, desaparecer, como vem a demonstrar a apresentação de Everson Pereira da Silva aos Contos Gauchescos, publicada pela editora L&PM, de Porto Alegre, em 1998. Silva, apesar de intitular sua apresentação de "Do regional ao universal", afirma que o mérito do escritor pelotense está, sobretudo, na forma de contar e na retratação fiel da linguagem do homem do campo e da paisagem do pampa. O grande Augusto Meyer, em seu Prosa dos pagos (1943) teve dificuldade em classificar a obra simoniana em termos de categorias literárias, não diferenciando a obra regionalista da regional propriamente dita. Talvez isso seja um sintoma das contaminações entre o discurso histórico e o literário. Aliás, da Idade Média ao século XVIII as fronteiras entre a narrativa histórica e a literária eram muito tênues, até porque a História como ciência só se constitui efetivamente no século XIX, dando aos cientistas sociais e, em especial, aos historiadores, na busca de equivalência com as ciências da natureza, muitas ilusões. Uma delas é que o eu-narrador podia ser diluído no fato histórico, objetivo e impessoal. Assim se criou a ilusão de que a História se referia à verdade e a literatura à imaginação, como se as lacunas da história não fossem preenchidas pela imaginação. Noutras palavras: todas as narrativas dependem de um ato criativo, diferindo em grau e finalidade. Simões Lopes Neto, mais uma vez mos-

O Anjo da Vitoria

— Foi depois da batalha de Ituzaingo, no passo do Rozario, p'ra lá de S. Gabriel, do outro lado do banhado de Inhatiúm. Vancê não sabe o que é inhatiúm?

E' mosquito : bem posto nome !
Banhado de inhatiúm... Virje' Nossa Senhora!... mosquito, aí, fumacêa, no ar!

Eu era gurizote : teria, o muito, uns dez annos; e andava na companhia do meu padrinho, que era capitão, para carregar os pezuelos e os avios do chimarrão.

As couzas da peleia não sei, porque era menino e não guardava as conversas dos grandes; o que eu queria era haraganear; mas, si bem me lembro, o meu padrinho dizia que nós estavamos mal acampados, e estranzilhados, pensando culatrear o inimigo, mas que este é que nos estava nos garrões; não havia bombeiros nem ordem, que o exercito vinha num berzabúm, e que o general que mandava tudo, que era um tal Barbacena, não passava de um pre-zilha, que por andar um dia a cavallo já tinha que tomar banhos de salmoura e esfregar as assaduras com sebo...

O meu padrinho era um gãocho mui sorro e acostumado na guerra, desde o tempo das Missões, e que mesmo dormindo estava com meio ouvido, escutando, e meio olho, vendo...; mesmo resonando não desgrudava pelo menos dois dedos dos copos da *serpentina*...

Num escurecer, enquanto pelo acampamento os soldados carneavam e outros tocavam viola e cantavam, ou

dormiam ou chalravam, o que sei é que nesse escurecer o meu padrinho mandou pegar os nossos cavalos; e ensilhamos até a sincha; e depois nos deitamos nos pelegos, com os pingos, pela redea, maneados : elle, armado, mateando; eu, enroscadito no meu bichará, e o ordenança, que era um chirú hombrudo, chamado Hilarião, pitando.

Eu, como criança, peguei logo a cochilar.

Amigo ! Vancê creia : o coração as vezes, trépa, dentro da gente, o mesmo que jaguatirica por uma árvore acima !...

Lá pelas tantas, ouviu-se cornetas e clarins e rufos de caixa...; mas o som dos toques andava ainda galopeando dentro do silencio da noite quando dezabou em cima de nós a castelhanada, a gritos, e já nos foi fumegando bala e bala !...

Numa arrancada dessas é que o coração trepa, dentro da gente, como gato...

— Desmaneia e monta ! gritou o meu padrinho ; elle que falava, eu e o chirú que já estavamos enforquilhados nas garras.

E por entre as barracas e ramadas; por entre os fogões meio apagados, onde ainda havia fincados espetos com restos de churrascos; por entre as carretas e as pontas de bois mansos e lotes de reúnos; no fusco-fusco da madrugada, com uma cerraçãozita o quanto quanto; por entre toques e ordens e chamados, e a choradeira do chinaredo e o vozerío do comercio, já no cheiro da polvora e em cima dos primeiros feridos, formou-se o entreveiro dos atacantes e dos dormilões.

E cantou o ferro... e chueu bala !...

trando uma notável intuição, faz aproximar a narrativa histórica e a literária, pois tanto uma como a outra só fazem sentido numa relação interna de imbricação. Os eventos narrados só adquirem significação - e mesmo só se tornam compreensíveis - quando lidos no interior de uma trama, de um entretido. A literatura de Simões Lopes Neto, se pode dizer muito sucintamente, pertence ao "regionalismo universal" porque atua sobre o homem e não apenas sobre um tipo ou sobre o típico.

03. A afirmativa proposta por Flávio Loureiro Chaves de que "o Simões Lopes Neto que resistiu ao tempo foi aquele que se impôs como uma vitória da linguagem" é relevante, visto que o escritor gaúcho criou uma linguagem diferente, sócia à tradição oral, para construir as suas narrativas. O senhor não acredita, porém, que a crítica social que é apresentada nos contos simonianos também contribuíram para assegurar o sucesso de João Simões Lopes Neto?

Eis uma questão bastante complexa. Em primeiro lugar, quando falamos do sucesso de Simões Lopes Neto nos referimos a um fenômeno relativamente recente. Devemos considerar ainda as razões desse sucesso. Nesse ponto é que se encontra a interrogação sobre sua condição de crítico da cultura. Bem, eu separaria, num instante inicial, esses dois problemas (Simões como escritor e o trato da linguagem e se sua crítica social contribuiu para assegurar o seu sucesso). Então vamos tratar do primeiro ponto. Ora, esse debate começou faz alguns anos quando a pesquisadora Cláudia Antunes, que no Simpósio Simoniano Lendas do Sul, em 2002, organizado pelo prof. Agemir Bavaresco e por mim, na Universidade Católica de Pelotas, advogou contra a assertiva de Moisés Vellinho, de que a carreira do criador de Blau Nunes foi inteiramente póstuma, baseada na recepção de época aos Contos Gauchescos e em necrológios, seu reconhecimento em vida. Posteriormente, o saudoso historiador Mario Osório Magalhães, num artigo ao jornal Diário Popular, em dezembro de 2006, via na publicação do conto Contrabandista na revista Selecta, prestigioso periódico carioca, logo após o falecimento do escritor, um índice de reconhecimento. Vale dizer que embora eu entenda ser tardio o reconhecimento literário de João Simões Lopes Neto, permanecendo ele na fímbria do cânone, como procurei demonstrar num artigo à revista Thema, em 2003, é fato inconteste que a circulação de seus textos, em publicações dos mais variados gêneros, nunca parou, evidenciando que o escritor pelotense sempre teve leitores. Assim, se o reconhecimento da crítica foi lerdo, o público o acolheu, talvez até por razões extraliterárias, desde cedo.

04. Na sua concepção, qual é a crítica proposta em "O Anjo da Vitória"?

Entre os vários tópicos críticos presentes nos contos simonianos, um deles se mantém constante: a natureza humana voltada para o mal. Para Blau Nunes, o homem é "bicho mau", como está lá no Boi Velho. Dessa maneira, como na visão benjaminiana da história, vê-se Simões descrevendo a barbárie inerente ao processo civilizador, em que a guerra ocupa um papel central. Em Simões, de um lado, temos uma visão idealizada do herói, sobretudo do herói guerreiro, homem cujas virtudes são descritas segundo os elementos da natureza, o que lhe confere grande força telúrica. De outro, aparece a maldade, o horror e a destruição da guerra, em que até os animais sofrem. Dessa relação dialética entre as inclinações da natureza humana (e as lutas éticas que ocorrem em seu seio) e os processos históricos, resulta o desamparo, a solidão e a dor (tudo isso representado pelo menino e a metáfora do bichará). A crítica de fundo em O anjo da vitória, conto publicado em primeira mão no Diário Popular, de Pelotas, em 18 de abril de 1912, para mim, é a contradição entre progresso e barbárie, isto é, o mesmo processo desencadeado pelo poder e pelos poderosos, pois o narrador-menino, digna voz dos despossuídos, como no romance de Stendhal, não sabe por quais motivos se faz a guerra, desencadeia a morte e a destruição. Há uma crítica sutil e profunda à romantização da guerra, pois, ao fim resta em contraposição ao mito da coragem e da virilidade do gaúcho, o ser que foge, que deserta dessa imagem falsa e falsificadora da "tormenta da valentia", deixando o homem na solidão e no abandono da existência.

05. Embora muitos historiadores divirjam em relação à nação vitoriosa na Batalha de Ituzaingo, João Simões Lopes Neto nomeou seu conto como "O Anjo da Vitória". Na sua opinião, a qual vitória ele se refere?

Aparentemente, levados pelo título do conto, pode-se pensar que o protagonista é o General José de Abreu que, com o sacrifício da própria vida, possibilitou que a infantaria brasileira tivesse "feito aquela desgraça". No entanto, o verdadeiro "anjo da vitória" é o menino. A vitória sobre a qual o autor se refere é sobre a própria vida e a crueldade que a caracteriza.

148 — O meu padrinho levantou na redea o azulego : e de espada em punho, o chirú, com uma lança de meia lua — e eu entre os dois, enroscadito no meu bichará — nos botamos ao grosso do redomoinho, para abrir caminho para o quartel general do dito Barbacena.

Como lá chegamos, não sei.

A espada do meu padrinho estava torcida como um cipó, e vermelha, e o azulego tinha uns quantos lanhos na anca : o Hilarião tinha um corte de cima abaixo da japona, e eu levei um lançaço, que por sorte pegou no malote do poncho.

Mas, varamos.

No quartel do Barbacena ninguém se entendia.

A oficialada espumava, de raiva, e um cotuba, baixote, já velho, botava e tirava o boné e metia as unhas na calva, furioso, de raiar sangue !...

Esse, era um tal general Abreu... um tal general Jozé de Abreu, valente como as armas, guapo como um leão... que a gãuchada daquelle tempo — e que era torenada macóta ! — bautizou e chamava de — Anjo da Vitoria !

149 — Esse, o cavallo delle não dava de redea para traz, não ! Esse, quando havia fome, apertava o cinto, com os outros e ria-se !

Esse, dormia como quero-quero, farejava como cervo e rastreiava como índio... ; esse, quando carregava, era como um ventarrão, abrindo claros num matagal.

Com esse... castelhano se desgarrava por essas coxilhas o mesmo que bandada de nhan-dú, corrida a tiro de bolas !...

Era o Anjo da Vitoria, esse !

Daí a pouco appareceu um outro official, mocetão bonito, que era major. Este chamava-se Bento Gonçalves, que depois foi meu general, nos Farrapos.

Os dois se conversaram, apalavraram os outros e tudo montou e tocou p'ra rumos diferentes.

No acampamento estrondeava a briga.

Já tinha amanhecido.

Eu andava colado ao meu padrinho, como carrapato em costela de novillo. Por onde elle andou, andei eu ; passou, passei ; carregava, eu carregava ; fazia cara-volta, eu tambem.

150 — Naquellas correrias, o meu bicharrito, ás vezes, enchia-se de vento, e vivava, batia aberto, que nem uma bandeira cinzenta...

O major Bento Gonçalves formando a cavalaria, aguentava como um tauro, as cargas do inimigo, para ir entretendo, e dar tempo á nossa gente de quadrar-se, unida.

Os castelhanos, mui ardilozos, logo que aquentou o sol tocaram fogo nos macegaes onde estava o carretame ; o vento ajudou, e enquanto elles carcheiavam a seu gosto, uma fumaça braba tapou tudo, do nosso lado !...

Então o general Abreu no alto do coxilhão formou os seus esquadrões : o meu padrinho comandava um delles.

Formou, fez uma fala á gente e carregou, elle, na frente, montado num tordilho salino, resolhador.

Oh ! velho temerario ! Firme nos estribos, com o boné levantado sobre o cocuruto da cabeça, a espada apontando como um dedo, faiscando, o velhito ponteou aquella tormenta, que se despenhou pelo lançante abaixo e afundou-se e entranhou-se na massa cerrada do inimigo, como uma cunha

06. A perspectiva de João Simões Lopes Neto a respeito do gaúcho é ambígua, pois ao mesmo tempo que enaltece as suas virtudes, também aponta os seus defeitos. Como o senhor entende esta ambiguidade? De que forma a percebe neste conto?

Ora, me parece que esta é grande virtude de Simões como escritor. Ao contrário da escritura regionalista até então, basicamente produtora de subliteratura, os personagens simonianos não são planos, previsíveis. Tais como são os seres humanos - ambíguos, contraditórios e ambivalentes -, a construção das personagens de Simões Lopes Neto são de uma arteficialidade extraordinária. No conto O anjo da vitória, a ambiguidade a respeito do gaúcho está na idealização do General José de Abreu, estereótipo da coragem e da intrepidez, com desasombro diante da morte, e o menino, amedrontado e perdido, assustado, não tanto pela morte em si, mas por se ter descoberto "um ser para a morte", para utilizarmos a expressão de Heidegger. Ambos, José de Abreu e o menino, perfazem o gaúcho, que deixa descer somente o "monarca das coxilhas" para ser também o homem comum, humanizado e verdadeiro e cheio de fraquezas.

07. O conto parece ter sido escrito para enaltecer o mito do gaúcho, pois, em alguns momentos, celebra a valentia épica do guerreiro gaúcho. Entretanto, ao apresentar os erros bélicos cometidos pelo comandante e a fraqueza do protagonista no seu final, permite que o leitor perceba uma crítica às revoluções. É possível notar uma ambiguidade na construção do guerreiro gaúcho neste conto?

Conforme já havia dito, de fato, se verifica nesse conto tanto a exaltação da valentia épica do guerreiro gaúcho, quanto o relato, sem retoques, de sua covardia e crueldade. Ao apresentar os erros bélicos e a fraqueza do comandante percebe não apenas a feição do Simões na condição de crítico social, mas também sua vertente de historiador. A crítica ao comandante Marquês de Barbacena revela uma posição diante da historiografia que, a despeito de dar a vitória na batalha de Ituzaingó, ocorrida em 20 de fevereiro de 1827 (era o tempo da Guerra Cisplatina, que resultou na independência do Uruguai) ao Brasil, atribuiu as enormes baixas, constatadas no desenlace do confronto, à indisciplina dos soldados e à confusão entre os comandantes. A ambiguidade do guerreiro gaúcho não está relacionada apenas à crítica da fixidez do herói, mas também a um posicionamento nacionalista em face das explicações históricas a respeito do combate, considerado o mais sangrento do conflito.

08. A questão da solidão está presente no conto - tanto no desfecho do protagonista, que se vê sozinho e desamparado; quanto na metáfora do anjo. Esta questão seria uma forma encontrada para evidenciar as consequências das revoluções para quem as experienciou, destacando a solidão que lhes é imposta?

A solidão do protagonista é um elemento muito importante para a compreensão do conto O anjo da vitória. A metáfora do anjo complementa e dialoga com essa questão, sobre a qual não descemos a minudências. Pode-se dizer que a sensação de abandono, de quebra de referenciais é inerente aos processos revolucionários ou de guerra. Porém, quer me parecer que além disso Simões pretende evidenciar algo mais: a solidão é própria da condição humana.

09. Como os acontecimentos relatados neste conto contribuem na construção da identidade do narrador (Blau Nunes)?

O narrador é o sujeito que fala, é a entidade fictícia a quem cabe enunciar o discurso na função de protagonista da comunicação narrativa. A voz do narrador, portanto, expressa o seu olhar. A Teoria da Literatura nos ensina que os narradores podem ser classificados de diversas maneiras (por exemplo, autodiegético, homodiegético, heterodiegético), as quais revelam de onde ele fala, como enxerga os acontecimentos e o que sabe a respeito deles. Em suma, o personagem, se bem construído, nos convence sobre seu "mundo possível", o mundo da ficcionalidade. Deste modo, dentro da referencialidade ficcional, todas as instâncias da voz narrativa convergem para nos dizer quem ele é. Assim como aquele que pode ser reconhecido pelo que diz, como o diz e de onde fala, podemos perceber esse processo de construção da identidade do eu enunciativo por meio de sua mundividência, que engloba, é certo, os acontecimentos que lhe sucedem e que o narratário só vem a saber segundo o discurso do narrador. Apesar disso, especificamente no caso do conto Anjo da Vitória, a narrativa dialoga com a tradição cultural Ocidental. Em verdade, com dois grandes blocos: o primeiro é a epopeia, e o outro a figura do herói trágico. A epopeia, grosso modo, possui três aspectos constitutivos, a saber, fala num passado "cristalizado" e distante do presente por um longo período de tempo, no qual não há movimento nem corrosão das figuras que o habitam. Em Anjo da Vitória Blau Nunes, já velho, convoca o menino para falar. Mas é o menino que fala pelo velho ou é o velho que faz o menino falar? Seja como for, o palco da guerra, em que se confrontam vida/morte; valentia/covardia, já está cristalizado e, nessa medida, destituído de relatividade. O General Abreu mesmo morto está ainda com a espada em riste e nem a passagem do tempo renega seus feitos gradilo-

151 de nhanduvai abrindo em dois um moirão grosso de guajuvira... E deixando uma estiva de estrompados, de mortos, de atarantados, de feridos e de morrentes — como quando rufa um rodeio chucro.. vancê já viu? — varou para o outro lado, mandou fazer — alto, cara-volta! — e mal que reformou os esquadrões, os homens chalrando e rindo, a cavallhada, de venta aberta, bufando ao faro do sangue e trocando orelha, pelo alarido, o velho já se bancou outra vez na testa, gritou — Viva o Imperador! — e mandou — Carrega! —

E a tormenta da valentia rolou, outra vez, sobre o campo.

Mas nesta hora maldita, a fumaça maldita nos rodeava e cegava; e mal iamnos dando lance á carga — eu, folheirito, abanando no mais o meu bichará, p'ra o Hilarião — rebentou na vanguarda e num fianco a fuzilaria, e vieram as baionetas... e uma colubrina, que nos tiroteavam donde não podia ser!...

A nossa cavalaria se enrodilhou toda, fazendo uma enrascada de mil diabos... e enquanto o tiroteio nos estraçalhava, que os ginetes e os cavalos caíam, varados, e que, por fim,

152 os proprios esquadrões já iam ruscgando uns com os outros — aí, amigo, andei eu ás pechadas! — enquanto isso... veio uma rajada forte de vento, que varreu a fumaça, limpou a vista de todos e mostrou que era a nossa infantaria que nos tinha feito aquella desgraça...

Então, por cima dos mortos e dos feridos houve um silencio grande, de raiva e de pena... como de quem pede perdão, calado... ou de quem chora de saudade, baixinho...

Lá lonje, os castelhanos, enganados, tocaram a retirada. O nosso quartel general tambem tocou a retirada.

Pegou a debandada; dispersava-se a gente por todos os lados, aos punhados, botando fora as pederneiras, as patronas; muitos sotretas fugiram de cambulhada com o chinerio...

Metades de batalhões arrinconavam-se, outras encordoavam marcha.

Os ajudantes galopavam conduzindo ordens... mas parecia que toda a força ia fujindo duma batalha perdida, que não era, porque tudo aquillo era da indiciplina, sómentes.

153 O Anjo da Vitoria lá ficou, onde era a frente dos seus esquadrões, crivado de balas, morto, e ainda segurando a espada, agora quebrada.

Campeei o meu padrinho: morto, tambem, caído ao lado do azulengo, arreventado nas paletas por um tiro de peça: ali junto, apertando ainda a lança, toda lascada, estrebuchava o Hilarião, sem dar acordo, aiando, só aiando...

Deitado sobre o pescoço do cavallo, comecei a chorar.

Peguei a chamar:

— Padrinho! padrinho!...

Hilarião! Meu padrinho!...

Apeei-me, vim me chegando e chamando — padrinho!... padrinho!... e tomei-lhe a benção, na mão, já fria;... puchei na manga do chirú, que já nem bulia...

Sem querer fiquei vendo as forças que iam-se movendo e se distanciando... e num tirão, quando ia montar de novo, sem saber p'ra que... foi que vi que estava sozinho, abandonado, gauderio e gáucho, sem ninguem p'ra me cuidar!...

Foi então, que, sem saber como, já de a cavallo, enquanto sem eu sentir as lagrimas caíam-me e rolavam sobre o bichará, os olhos se me plan-

quentes, que permanecem modelares para as gerações futuras, tanto assim que se gravaram na memória do menino de tal jeito, que o velho Blau mantém dos acontecimentos uma memória vívida. A narrativa de cunho epopeico encontrou terreno fértil no Rio Grande do Sul, em função de sua história guerreira. Nesse sentido, o herói trágico só se pode construir no seio da epopeia, isto é, o herói tem de cumprir o seu Destino, fator necessário à constituição do ato heroico. A identidade do herói está basicamente ligada ao que ele realiza e ao significado de sua realização. No conto em questão, o narrador relata seus sentimentos e a sua participação na ação. Os acontecimentos em que ele está envolvido forjam os heróis-arquétipos, entre os quais o General Abreu, chamado o "Anjo da Vitória". O narrador é contaminado pela glória que emana immanentemente da epopeia –; ele [o narrador] ia "folheirito", abanando no mais o seu bichará. O palco em que os acontecimentos se desenrolam produz efeitos coletivos e individuais. A epopeia em si é a narrativa que relata um fenômeno social, geralmente, de índole nacionalista. O narrador, pois, é capaz de construir sua identidade projetando-a nessa heroicização coletiva. De outra sorte, essa experiência coletiva é também purgada individualmente. O velho Blau ao evocar os sentimentos do menino se reconhece frágil, assustado, perdido e sozinho. A analepse realizada pelo narrador rememora não apenas a epopeia, mas também a barbárie sobre a qual se erige. Os acontecimentos, por isso, não são externos à identidade do narrador, o próprio ato enunciativo os fabrica, os ordena e lhes dá significado. Deste modo, parafraseando a frase famosa, Blau Nunes sai da vida [os acontecimentos] para entrar na história [a narrativa]. Os acontecimentos contribuem para construir a identidade do narrador em *O anjo da vitória na dinâmica da ambivalência* (ama a glória, mas odeia a crueldade e a morte; admira a coragem, mas se reconhece fujão; ama esse eu-coletivo e nacionalista, mas odeia a solidão e a orfandade proporcionada pelas guerras), por intermédio da qual ficamos sabendo quem Blau Nunes diz que é ou acredita ser.

10. Por que a rememoração desta batalha pelo narrador é importante para o contexto geral dos Contos Gauchescos?

Pode-se observar que a rememoração feita pelo narrador-menino da batalha do Passo do Rosário, no conto chamada de batalha de Ituzaingó, coloca ao lado da biografia de Blau Nunes a biografia da formação do Rio Grande do Sul e da nacionalidade. Tal evocação auxilia a desenhar o pano de fundo que constitui o vasto panorama histórico que aparece nos Contos Gauchescos (*Guerras Cisplatinas, Revolução Farroupilha, Guerra do Paraguai*), e que conforma uma espécie de bildulroman de Blau Nunes.

154 [taram sobre o tordilho salino... sobre o
coto da espada... sobre um bofé ga-
loado...

— E o cabelo me creceu e fiquei de
choro parado... e ouvi, patentemente,
ouvi bem ouvido, o velho macota, o
Anjo da Vitoria, morto como estava,
gritar ainda e forte — Viva o Im-
perador ! Carrega !

O meu bicharázito se enpantufou
de vento, desdobrou-se, batendo co-
mo umas azas... o mancarrão bufou,
recuando, assustado... e quando dei
por mim, andava enancado num lote
de fujões...

Comi do ruim... Vê vancê que eu
era guri e já corria mundo...

O CONTRABANDISTA

É um dos maiores contos de João Simões Lopes Neto, sendo, inclusive, o escolhido para integrar OS CEM MELHORES CONTOS BRASILEIROS. Eu o reputo grande por:

1 – **TÉCNICA:** observo aqui, dois aspetos:

- **FORÇA DA LINGUAGEM SIMONEANA** – ritmo, harmonia, linguagem enxuta e cinematográfica que revoluciona literatura da época, ao romper com empoladas palavras do romantismo que sepultam as idéias. A genialidade de “usar, precursoramente, a palavra para dizer e não para impressionar por sua beleza”. Em apenas duas páginas conta a história do contrabando no Rio Grande do Sul.

- **O CONTRABANDISTA** Blau aparece como narrador e testemunha – sempre vi esse conto como se nele houvesse uma cortina que cai na parte intermediária do texto (entre a descrição de Jango Jorge e a festa de casamento e sua morte trágica), quando há um excepcional resumo histórico do contrabandar nas fronteiras gaúchas. Essa voz é comparável ao coro de uma tragédia grega.

2 – **CONTEÚDO** – chama atenção nessa história três relatos superpostos: o histórico, o antropológico e o mítico. Vou analisar esses três relatos, em três etapas. Primeiro, abrindo o foco, igual usássemos uma câmara que busca fotografar personagens e cenário. Depois fecharei mais o foco, centrando nos personagens. Por fim usarei a lente mítica para ampliar os símbolos.

Vejamos um esboço da história:

- Jango Jorge, um contrabandista, vai casar a filha. Na véspera do casamento atravessa a fronteira para trazer o enxoval e a roupa de noiva. A festa pronta, todos esperam e olham a estrada. Enfim o grupo chega trazendo o cavalo de J.J. com seu corpo, morreu baleado pela guarda da fronteira. Amarrado nele, o pacote com o vestido branco, a grinalda, o véu.

Antes de analisar o conto de Simões, vou contextualizá-lo na história, na antropologia e na mitologia.

1 – **Historicamente**, desde o período colonial, o contrabando tem papel importante nas fronteiras do extremo sul, podendo mesmo ser considerado elemento complementar da economia gaúcha.

Após a independência do Brasil, o charque e o couro, principais produtos do Rio Grande do Sul, foram altamente tributados. Dependente do mercado interno, a Província fica financeiramente ameaçada. Os gaúchos passam a exigir a tributação de seus concorrentes e não são atendidos, prejudicaria o lucro dos produtores de café e açúcar do centro do país. Logo o descontentamento aumenta: a pólvora passa a ser do rei e proibida aos cidadãos, baralho de jogar só é permitido em Porto Alegre, os ourives do Rio Grande são expulsos. E o contrabando, prática antiga e natural na região, cresce com rapidez. Os gaúchos trazem da Banda Oriental pólvora, balas, baralhos, prendas de ouro, aperos de prata. A situação se agrava, o dinheiro do Brasil fica muito caro e de tudo se passa a contrabandar. A polícia era pouca, os campos eram abertos e a situação se agrava.

O contrabando era ainda intensificado pelos conflitos entre os países do Prata, e pela Revolução Farroupilha onde tanto os rebeldes quanto os governistas o praticavam.

O governo imperial tinha dificuldade em controlar essa prática mesmo porque havia a convivência e a participação de autoridades. Essa ineficácia gerava protestos das autoridades gaúchas que responsabilizavam o comércio ilícito pela possível ruína econômica da Província. Ramiro Barcelos, inclusive, dizia: *O Rio Grande do Sul é, comercialmente falando, o mais rico departamento da República Oriental do Uruguai.*

De modo que a fronteira gaúcha foi sempre marcada pela beligerância, pelo conflito e pela violência

2- **Antropologicamente** visto, o gaúcho é um tipo originário da fusão da população original da pampa: índios, portugueses, espanhóis e desgarrados em geral. Não tinham propriedade, família nem endereço, eram nômades. Assim evoluiu o chamado “campeiro soldado”, homem que precisa lidar com o gado e lutar com as armas. Tinha agudo senso de liberdade, recatado e de poucas palavras. Diz-se que as paisagens e o mundo visto de cima do cavalo o fez altivo e autoconfiante, desafiador do destino. Citando-se um general latino americano: “Nenhum ho-

Contrabandista

— Batia nos noventa anos o corpo magro mas sempre tezo do Jango Jorge, um que foi capitão duma maluca de contrabandistas que fez cancha nos banhados do Ibirocaí.

Esse gãucho dezabotinado levou a existencia inteira a cruzar os campos da fronteira; á luz do sol, no desmaiado da lua, na escuridão das noites, na cerração das madrugadas...; ainda que chovesse rejunos acolherados ou que ventasse como por alma de padre, nunca errou váu, nunca perdeu atalho, nunca dezandonou cruzada!...

Conhecia as querencias, pelo faro: aqui era o cheiro do açouta-cavalo florecido, lá o dos trevaes, o das guabiobas rasteiras, do capim limão; pelo ouvido: aqui, cancha de g'rachains, lá os pastos que ensurdecem ou estalam no casco do cavallo; adeante, o chape-chape, noutro ponto, o areião.

156 Até pelo gosto elle dizia a parada, porque sabia onde estavam aguas salobres e aguas leves, com sabor de barro ou sabendo a limo.

Tinha vindo das guerras do outro tempo; foi um dos que peleou na batalha de Ituzaingo; foi do esquadrão do general Jozé de Abreu. E sempre que falava no Anjo da Vitoria ainda tirava o chapeu, numa brachada larga, como si cumprimentasse alguem de muito respeito, numa distancia muito lonje.

Foi sempre um gãucho quebra-lhão, e despilchado sempre, por ser muito de mãos abertas.

Si numa meza de primeira ganhava uma ponchada de balastracas, reunia a gurizada da caza, fazia—pi! pi!

pi! pi! — como p'ra galinhas e semeava as moedas, rindo-se do formigueiro que a miuçalha formava, cantando as pratas no terreiro.

Gostava de sentar um laçoço num cachorro, mas desses laçoços de apañhar da paleta á verilha, e puchado á valer, tanto, que o bicho que o tomava, ficando entupido de dor, e lombeando-se, depois de disparar um pouco é que gritava, num — caim! caim! caim! — de dezespero.

157 Outras vezes dava-lhe para armar uma jantarola, e sobre o fim do festo, quando já estava tudo meio entropigaitado, puchava por uma ponta da toalha e lá vinha, de tirão seco, toda a traquitanda dos pratos e copos e garrafas e restos de comidas e caldas dos doces!...

Depois garganteava a chuspa e largava as onças p'ras unhas do bolicheiro, que aproveitava o vento e *le echaba cuentas de gran capitán...*

Era um pagodista!

Aqui ha poucos anos — coitado! — pouzei no arranchamento del-le. Cazado ou doutro geito, estava afamiliado. Não nos viamos desde muito tempo.

A dona da caza era uma mulher mocetona ainda, bem parecida e mui prazenteira; de filhos, uns tres matalotes já emplumados e uma mocinha — pr'o cazo, uma moça —, que era o — Santo Antoninho onde te porei! — daquella gente toda.

E era mesmo uma formozura; e prendada, mui habilidoza; tinha andado na escola e sabia botar os vestidos esquizitos das cidadãs da vila.

E noiva, cazadeira, já era.

E deu o cazo, que quando eu pou-

mem é prudente em cima de um cavalo."

FECHANDO MAIS O FOCO

Esse gaúcho que levou três séculos forjando-se e lutando para sobreviver na pampa, tinha relação íntima com a natureza, as adagas e as lanças. Aos poucos ele vai se fixando ao solo, escolhendo suas "prendas-minhas", ou seja, suas mulheres, vai casando e constituindo família. E vai se afirmando não mais como um bárbaro e sim como um ente social.

E dentro desse imaginário era fundamental afirmar-se como bom pai de família para sentir-se respeitado. Casar uma filha vestida de branco, com véu e grinalda, então, era a afirmação pública de haver bem formado sua família.

Pais reescrevem a própria história através da história dos filhos; Jango Jorge era um fora da lei e precisava dessa auto-afirmação social por si e pela mulher com quem fizera um "ajuntamento"; ou seja, na base, a família que criara era socialmente frágil, e isso tinha de ser reescrito.

3 – Visto pelo viés **mítico**, o contrabandista Jango Jorge encarna a figura do herói trágico que é o personagem das tragédias. E não esquecendo que tecnicamente, conforme já observado, esse conto lembra a tragédia grega – a voz de um coro que entra pelo meio. E na tragédia grega o herói sempre luta contra algo transcendental. Daí sempre haver um final trágico, quando o herói será responsável pelo próprio aniquilamento.

Na mitologia temos a "saga do herói", caracterizada por alguém dando a vida por algo maior que si mesmo. Somos todos heróis ao nascer (deixamos o paraíso de criaturas aquáticas no útero e heróicamente "caímos" numa vida com necessidades a serem atendidas). As três principais religiões do mundo ensinam que a jornada heróica faz parte da vida. Está no Alcorão dos muçulmanos, na Torá dos judeus, e no Evangelho dos cristãos. O herói "morre" e ressuscita, e assim transforma a própria consciência. Ao destruir os mitos o herói destrói as coisas sombrias.

Podemos, pois, antes de analisarmos o conto de Simões Lopes Neto compará-lo às tragédias gregas e, seu personagem, Jango Jorge, é um perfeito herói mítico vivendo a sua saga; buscando algo maior que si mesmo, no caso, dar à filha um casamento poderoso, com todos os signos presentes aos melhores casamentos.

1 – Abordagem histórica

Em O contrabandista, João Simões Lopes Neto conta a história do contrabando no sul igual fosse, como eu disse, a fala de um coro numa tragédia grega.

Interrompe a fala em primeira pessoa de Blau, que contava a saída de J.J. para contrabandear o vestido da noiva e o preparo da festa e a última frase é: FIQUEI VERDEANDO, À ESPERA, E FUI DANDO UM AJUTÓRIO NA MANTANÇA DOS LEITÕES E NO TIRAMENTO DOS ASSADOS COM COURO.

E começa: NESTA TERRA DO RIO GRANDE SEMPRE SE CONTRABANDEOU, DESDE EM ANTES DA TOMADA DAS MISSOES..... e termina :

ORA!.....ORA! PASSAR BEM PAISANO!... A SEMENTE GRELOU E ESTÁ A ÁRVORE RAMALHUDA, QUE VANCÊ SABE, DO CONTRABANDO DE HOJE.

Observe-se como no espaço entre essa "abertura" e o "fechamento" do que quando menina eu sentia como uma cortina que se abria no conto, e que alguns críticos vêem como um hiato dentro do conto – é contada a história do contrabando – o que hoje eu vejo como na verdade é igual "a voz do coro na tragédia grega."

Então, nesse "coro" Simões divide a história do contrabando no RS em três etapas:

A – contrabandeavam por diversão

"NAQUELES TEMPOS O QUE SE FAZIA ERA SEM MALÍCIA, E MAIS POR DIVERTIR E ACOQUINAR AS GUARDAS DO INIMIGO: UMA PARTIDA DE GUASCAS MONTAVA A CAVALO, ENTRAVA NA BANDA ORIENTAL E ARREBANHAVA UMA PONTA GRANDE DE EGUARIÇOS; ABANAVA O PONCHO E VINHA A MEIO-RÉDEA; APARTAVA-SE A POTRADA E LARGAVA-SE O RESTO; OS DE LÁ FAZIAM CONOSCO A MESMA COUSA; DEPOIS ERA COM GADOS, QUE SE TOCAVA A TROTE E GALOPE, ABANDONANDO OS ASSOLEADOS."

"ISSO SE FAZIA POR DESPIQUE DOS ESPANHÓIS E ELES PAGAVAM..... DO MESMO JEITO".

zei, foi justo pelas vespéras do casamento ; estavam esperando o noivo e o resto do enxoval della.

O noivo chegou no outro dia ; grande alegria ; começaram os aprontamentos, e como me convidaram com gosto, fiquei p'r'o festo.

O Jango Jorge saiu na madrugada seguinte, para ir buscar o tal enxoval da filha.

Aonde, não sei ; parecia-me que aquillo devia ser feito em caza, á moda antiga, mas, como cada um manda no que é seu...

Fiquei verdeando, á espera, e fui dando um ajutorio na matança dos leitões e no tiramento dos assados com couro.

Nesta terra do Rio Grande sempre se contrabandeou, desde em antes da tomada das Missões.

Naquelles tempos o que se fazia era sem malicia, e mais por divertir e acoquinar as guardas do inimigo : uma partida de guascas montava a cavallo, entrava na Banda Oriental e arrebanhava uma ponta grande de eguarizos ; abanava o poncho e vinha á meia redea ; apartava-se a potrada e largava-se o resto ; os de lá faziam connosco a mesma couza ; depois era com gados, que se tocava a trote e galope, abandonando os assoleados.

Isto se fazia por despique dos espanhoes e elles se pagavam desquitando-se do mesmo geito.

Só se cuidava de negacear as guardas do Cerro Largo, em Santa Tecla, do Haêdo... O mais, era varzea !

Depois veiu a guerra das Missões ; o governo começou a dar sesmarias e uns quantissimos pezados foram-se arranchando por essas campanhas desertas. E cada um tinha que ser um rei pequeno... e aguentar-se com as

balas, as lunares e os chifarotes que tinha em caza !...

Foi o tempo do manda quem pode !... E foi o tempo que o gãucho, o seu cavallo e o seu facão, sozinhos, conquistaram e defenderam estes pagos !...

Quem governava aqui o continente era um chefe que se chamava o capitão-general ; elle dava as sesmarias mas não garantia o pelego dos sesmeiros...

Vancê tome tenencia e vá vendo como as couzas, por si mesmas, se explicam.

Naquella era, a polvora era do el-rei nosso senhor e só por sua licença é que algum particular graúdo podia ter em caza um polvarim...

Tambem só na vila de Porto Alegre é que havia baralhos de jogar, que eram feitos só na fabrica do rei nosso senhor, e havia fiscal, sim senhor, das cartas de jogar, e ninguém podia comprar senão dessas !

Por esses tempos antigos tambem o tal rei nosso senhor mandou botar p'ra fora os ourives da vila do Rio Grande e acabar com os lavrantes e prendistas dos outros lugares desta terra, só p'ra dar flux aos reinões...

Agora imagine vancê si a gente lá de dentro podia andar com tantas etiquetas e pedindo louvado p'ra se defender, p'ra se divertir e p'ra luxar !... O tal rei nosso senhor, não se enchergava, mesmo !...

E logo com quem !... Com a gãuchada !...

Vai então, os estancieiros iam em pessoa ou mandavam ao outro lado, nos espanhoes, buscar polvora e balas, p'ras pederneiras, cartas de jogo e prendas de ouro p'ras mulheres e preparos de prata p'ros arreios... ; e ninguém pagava dizimos dessas couzas.

B – contrabandeavam também por necessidade e ele usa o texto para expor as causas da Revolução Farroupilha

“ DEPOIS VEIO A GUERRA DAS MISSÕES; O GOVERNO COMEÇOU A DAS SESMARIAS E UNS QUANTÍSSIMOS PESADOS FORAM-SE ARRANCHANDO POR ESSAS CAMPANHAS DESERTAS. E CADA UM TINHA QUE SER UM REI PEQUENO ... E AGUENTAR-SE COM AS BALAS, AS LUNARES E OS CHIFAROTES QUE TINHA EM CASA.”

“NAQUELA ERA, A PÓLVORA ERA DO EL-REI NOSSO SENHOR E SÓ POR SUA LICENÇA É QUE ALGUM PARTICULAR GRAÚDO PODERIA TER EM CASA UM POLVARIM”.

“VAI ENTÃO, OS ESTANCIEIROS IAM EM PESSOA OU MANDAVAM AO OUTRO LADO, NOS ESPANHÓIS, BUSCAR PÓLVORA E BALAS, PRAS PEDERNEIRAS, CARTAS DE JOGO E PRENDAS DE OURO PRAS MULHERES E PREPAROS DE PRATA PROS ARREIOS ...; E NINGUÉM PAGAVA DÍZIMOS DESSAS COUSAS.”

C – o contrabando torna-se desenfreado

.....”.DEPOIS (da Guerra dos Farrapos) VIERAM AS CALIFORNIAS DO CHICO PEDRO; DEPOIS A GUERRA DO PARAGUAI “...

“AÍ INUNDOU-SE A FRONTEIRA DA PROVINCIA DE ESPANHOIS E GRINGOS EMIGRADOS”.

“A COUSA ENTÃO MUDOU DE FIGURA. A ESTRANGEIRADA ERA MITRADA, NA REGRA, E FOI QUEM ENSINOU A GENTE DE CÁ A MERGULHAR E FICAR DE CABEÇA ENXUTA ...; ENTROU NOS HOMENS A SEDUÇÃO DE GANHAR BARATO: BASTAVA SER CAMPEIRO E DESTORCIDO. DEPOIS ANDAVA-SE EMPANDILHADO, BEM ARMADO; PODIA-SE AS VEZES DAR UM VAREIO NOS MILICOS, AJUSTAR CONTAS COM ALGUM DEVEDOR DE DESAFOROS, APORREAR ALGUM SUBDELEGADO ABELHUDO.”

“NÃO SE LIDAVA COM PAPEIS NEM CONTAS DE COUSAS; ERA SÓ LEVANTAR OS VOLUMES, ENCANGALHAR, TOCAR E ENTREGAR!”

2 - Abordagem antropológica –

Jango Jorge, o contrabandista, é, antropológicamente abordado, um personagem exemplar do período

em que o “campeiro-soldado”, o homem mistura de índio, português, espanhol, nômade e meio bárbaro, firma-se num território e busca ainda ocupar um espaço social.

Vemos nele o índio em sua conexão com a terra: “CONHECIA AS QUERÊNCIAS PELO FARO; AQUI ERA O CHEIRO DO AÇOUTA-CAVALO FLORESCIDO, LÁ O DOS TREVAIS, O DAS GUABIROBAS RASTEIRAS, DO CAPIM-LIMÃO; PELO OUVIDO: AQUI, CANCHA DE GRAXAINS, LÁ OS PASTOS QUE ENSURDECEM OU ESTALAM NO CASCO DO CAVALO; ADIANTE O CHAPE-CHAPE, NOUTRO PONTO, O AREÃO. ATÉ PELO GOSTO ELE DIZIA A PARADA, PORQUE SABIA ONDE ESTAVAM ÁGUAS SALOBRES E ÁGUAS LEVES, COM SABOR DE BARRO OU SABENDO A LIMO”.

Nele, encontramos o gaúcho das origens: DESABOTINADO, LEVOU A EXISTÊNCIA A CRUZAR OS CAMPOS DA FRONTEIRA; À LUZ DO SOL, NO DESMAIADO DA LUA, NA ESCURIDÃO DA NOITE, NA CERRAÇÃO DAS MADRUGADAS

Nele, o “soldado”- “ TINHA VINDO DAS GUERRAS DO OUTRO TEMPO”

E era QUEBRALHÃO (insolente), PAGODISTA, GOSTAVA DE GARGANTEAR....

Quando Blau reencontra Jango Jorge, prepara-se o casamento de sua filha. Ele está “afamiliado” com mulher mocetona ainda, BEM PARECIDA E MUI PRAZENTEIRA.

Jango Jorge, pois, espelha a transição do gaúcho bárbaro para o gaúcho fixado no espaço territorial e social. E em busca da afirmação de sua identidade. Essa ansia, esse desejo por um espaço de respeito na sociedade tem, no momento do casamento da filha noiva, sua oportunidade maior. Os filhos são por vezes sentidos como a oportunidade dos pais reescreverem a própria história e, para um contrabandista sem fronteiras, afirmar-se como homem que bem criou sua filha a ponto de casá-la de véu e grinalda e vestido branco, é **atravessar a fronteira do gaúcho marginal para a de gaúcho pai de família**. E aqui, fundamental é a festa: – o cenário, a comedoria, a música, a mesa e o ajuntamento ...

E o **vestido da noiva**. Aquele vestido era uma espécie de “passaporte”, de diploma, de nomeação ... Através dele Jango Jorge vai “renascer”...

161 As vezes lá voava pelos ares um cargueiro, com cangalhas e tudo, numa explozão da polvora ; doutras uma partida de milicianos saía de atravessado e tomava conta de tudo, a couce d'arma : isto foi ensinando a escaramuçar com os golas de couro.

Nesse serviço foram-se aficionando alguns gãuchos ; recebiam as encomendas e p'ra aproveitar a monção e não ir com os cargueiros debalde, levavam baeta, que vinha do reino, e fumo em corda, que vinha da Bahia, e algum porção de canha. E faziam trocas, de ellas por ellas, quasi.

Os paizanos das duas terras brigavam, mas os mercadores sempre se entendiam..

Isto veiu mais ou menos assim até a guerra dos Farrapos ; depois vieram as californias do Chico Pedro ; depois a guerra do Rozas.

Aí inundou-se a fronteira da provincia de espanhoes e gringos emigrados.

A couza então mudou de figura. A estrangeirada era mitrada, na regra, e foi quem ensinou a gente de cá a mergulhar e ficar de cabeça enchuta... ; entrou nos homens a sedução de ganhar barato : bastava ser campeiro e destorcido. Depois, andava-se empanilhado, bem armado ; podia-se as vezes dar um vareio nos milicos, ajustar contas com algum devedor de dezaforos, aporrear algum subdelegado abelhudo...

Não se lidava com papeis nem contas de couzas : era só levantar os volumes, encangalhar, tocar e entregar !...

Quanta gãuchagem leviana aparecia, encostava-se.

Rompeu a guerra do Paraguay. O dinheiro do Brazil ficou muito caro : uma onça de ouro, que corria

por trinta e dois, chegou a valer quarenta e seis mil reis !... Imagine o que a estrangeirada bolou nas contas !...

Começou-se a cargueirar de um tudo : panos, aguas de cheiro, armas, minigancias, remedios, o diabo a quatro !... Era só pedir por boca !

Apareceram tambem os mascates de campanha, com baús encangalhadas e canastras, que paszavam p'ra lá vazios e voltavam cheios, dezovar aqui...

Policia pouca, fronteira aberta, direitos de levar couro e cabelo e nas coletarias umas papeladas cheias de benzeduras e rabioscas...

163 Ora... ora !... Passar bem, paizano !... A semente grelou e está a arvore ramalhuda, que vancê sabe, do contrabando de hoje.

O Jango Jorge foi maioral nesses estrupicios. Desde moço. Até a hora da morte. Eu vi.

Como disse, na madrugada vesp'ra do cazamento o Jango Jorge saiu para ir buscar o enxoval da filha.

Passou o dia ; passou a noite No outro dia, que era o do cazamento, ate de tarde, nada.

Havia na caza uma gentama convidada ; da vila, vizinhos, os padrinhos, autoridades, moçada. Havia de se dansar tres dias !... Corria o amargo e copinhos de licor de butiá.

Roneavam cordionas no fogão, violas na ramada, uma caixa de muzica na sala.

Quazi ao entrar do sol a meza estava posta, vergando ao pezo dos pratos enfeitados.

A dona da caza, por certo traquejada nessas bolandinas do marido, estava socegada, ao menos ao parecer.

As vezes mandava um dos filhos ver si o paí aparecia, na volta da es-

Jango Jorge, herói trágico..... sua saga é ir em busca de algo transcendental, maior que si mesmo.

Esse "algo maior que si mesmo", conforme vimos, é o "vestido da noiva". É o que fará dele um verdadeiro pai de família, é seu passaporte para ser respeitado como membro da sociedade.

Vejamos, pois, simbolicamente, Qual o papel do vestido da noiva? Qual sua função mítica? –

Desde relatos bíblicos, há preocupação com o vestido e os adereços das noivas por toda a carga simbólica que encerra. As descrições mais antigas são da Grécia onde as noivas vestiam-se com roupas brancas e coroa de flores para que, a caminho da casa do noivo, recebessem as bênçãos dos deuses. O rosto era coberto por véu cuja função era proteger o casal da inveja e do mau olhado, e ainda carregavam uma tocha. O véu era de linho finíssimo na cor púrpura e ainda iam flores nas tranças. A cor vermelha era então muito usada. Em Bizâncio, vestido, véu, flores, tudo é vermelho e dourado. E essa cor aparece porque significa que a noiva será capaz de gerar um novo sangue.

Na idade Média irá dominar o vestido vermelho e por longo período as noivas usam também todas as jóias possíveis. E aqui fica bem visível outra função da roupa da noiva que é mostrar ao grupo o poder econômico da família, o re-afirmar o seu status. Usam-se brocados, veludos, sedas... No final do renascimento aparece a noiva de vestido negro. E daí evolui para o vestido branco, usado pela rainha Vitória, bem como véu, grinalda e flores, atitude incentivada, sobretudo, pelo cristianismo. E o vestido branco assim se estabelece como símbolo da pureza.

Vejamos o caso da noiva e filha de Jango Jorge:

"O JANGO JORGE SAIU NA MADRUGADA SEGUINTE PRA BUSCAR O ENXOVAL DA NOIVA".

"A GUARDA NOS DEU EM CIMA TOMOU OS CARGUEIROS ... E MATARAM O CAPITÃO, PORQUE ELE AVANÇOU SOZINHO PRA MULA PONTEIRA E SUSPENDEU UM PACOTE QUE VINHA SOLTO..... E AINDA O AMARROU NO CORPO..... AÍ FOI QUE O CRIVARAM DE BALAS PARADO ... OS ORDINÁRIOS..... TIVEMOS QUE BRIGAR, PRA TOMAR O CORPO!"

Como eu dizia, o grande símbolo desse conto é a **roupa de noiva da filha** de Jango Jorge, o nosso herói. E ele vai além da defesa da própria vida para dar-lhe o seu vestido de noiva.

Escreve Simões:

"ENTÃO VIMOS OS DA COMITIVA DESCEREM DE UM CAVALO O CORPO ENTREGUE DE UM HOMEM, AINDA DE PALA ENFIADO..."

"LEVOU-SE O CORPO PRA SALA DA MESA, PARA O SOFÁ ENFEITADO, QUE IA SER O TRONO DOS NOIVOS."

"A SIA DONA MÃE DA NOIVA LEVANTOU O BALANDRAU DO JANGO JORGE E DESAMARROU O EMBRULHO; E ABRIU-O. ERA O VESTIDO BRANCO DA FILHA, O SAPATO BRANCO, O VÉU BRANCO, AS FLORES DE LARANJEIRA ...TUDO NUMA PLASTADA DE SANGUE ... TUDO MANCHADO DE VERMELHO, TODA A ALVURA DAQUELAS COUSAS BONITAS COMO QUE BORDADA DE COLORADO, NUM PADRÃO ESQUISITO, DE FEITIOS ESTRAMBÓLICOS ... COMO FOLHAS DE CARDO SOLFERIM ESMAGADAS A CASCO DE BAGUAL."

Veja-se que o corpo de Jango Jorge é colocado no sofá engalanado que seria o trono dos noivos O contrabandista morto é sacralizado.

E do pacote amarrado em seu corpo saem as vestes de noiva da filha, tudo numa plasta de sangue. Vestido, véu, grinalda, em sua alvura trazida por Jango Jorge, estão como que bordados de vermelho. Só que esse vermelho é o sangue do pai. É o sangue do Herói que se atirou com todas as forças na saga de dar à filha noiva um casamento decente, com os signos exigidos pela sociedade.

E quando vemos o corpo no trono e as vestes brancas bordadas pelo vermelho de seu sangue, entendemos que o Herói cumpriu sua saga e houve sua Ressurreição. Ele pretendia dar um papel social superior à filha, mas o símbolo final aponta que foi ele quem de fato transcendeu seu passado e sua história.

Aqui, pois, estamos no mito.

E esse mito não é regional, não é local. É universal.

Hilda Simões Lopes

trada, encoberta por uma restinga fechada de arvoredo.

Surdiu dum quarto o noivo, todo no trinque, de colarinho duro e cacaco de rabo. Houve caçoadas, ditérios, eloijos.

So faltava a noiva ; mas essa não podia aparecer, por falta do seu vestido branco, dos seus sapatos brancos, do seu véu branco, das suas flores de laranjeira, que o pai fora buscar e ainda não trouxera.

As moças riam-se ; as senhoras velhas cochichavam.

Entardeceu.

Nisto correu voz que a noiva estava chorando : fizemos uma algazarra e ella — tão boazinha ! — veiu á porta do quarto, bem penteada, ainda num vestidinho de chita de andar em caza, e poz-se a rir p'ra nós, p'ra mostrar que estava contente.

A rir, sim, rindo na boca, mas tambem a chorar lagrimas grandes, que rolavam devagar dos olhos pestanudos...

E rindo e chorando estava, sem saber porque... sem saber porque, rindo e chorando, quando alguem gritou do terreiro :

— Af yem o Jango Jorge, com mais gente !...

Foi um vozerio geral ; a moça porem ficou, como estava, no quadro da porta, rindo e chorando, cada vez menos sem saber porque... pois o pai estava chegando e o seu vestido branco, o seu véu, as suas flores de noiva...

Era já fusco-fusco. Pegaram a acender as luzes.

E nesse mesmo tempo parava no terreiro a comitiva ; mas num silencio, tudo.

E o mesmo silencio foi fechando todas as bocas e abrindo todos os olhos.

Então vimos os da comitiva decerem de um cavallo o corpo entregue de um homem, ainda de pala enfiado...

Ninguem perguntou nada, ninguem informou de nada ; todos entenderam tudo... ; que a festa estava acabada e a tristeza começada...

Levou-se o corpo p'ra sala da meza, para o sofá enfeitado, que ia ser o trono dos noivos. Então um dos chegados disse :

— A guarda nos deu em cima... tomou os cargueiros... E mataram o capitão, porque elle avançou sozinho p'ra mula ponteira e suspendeu um pacote que vinha solto... e ainda o amarrou no corpo... Af foi que o crivaram de balas... parado... Os ordinarios !... Tivemos que brigar, p'ra tomar o corpo !

A sia dona mãe da noiva levantou o balandrau do Jango Jorge e dezamarrou a embrulho ; e abriu-o.

Era o vestido branco da filha, os sapatos brancos, o veu branco, as flores de laranjeira...

Tudo numa plastada de sangue... tudo manchado de vermelho, toda a alvura daquellas couzas bonitas como que bordada de colorado, num padrão esquizito, de feitos estrambolicos... como flores de cardo solferim esmagadas a casco de bagual !...

Então rompeu o choro na caza toda.

O JOGO DO OSSO

Trata-se de um dos contos mais instigantes da série Contos Gauchescos. O narrador Blau Nunes, na breve introdução, anuncia um fato curioso – uma mulher usada como objeto de jogo – acrescentando que resultou em morte. Gera-se uma expectativa simples, como numa notícia de página policial. Contudo Blau desempenha papéis mutantes, violando regras dogmáticas ao longo do conto. É **mítico** como um oráculo ao descrever o boliche do Arranhão. É **didático** como um mestre campeiro ao ensinar o entretenimento do jogo do osso. É **“neutro”** ou distanciado – como simples vedor ou *eu testemunha* – durante o jogo entre Ruivo e Osoro. Porém transforma-se em **onisciente** oculto como um espírito invisível presente na venda, ao narrar a etapa *tirana* da entrega da china. E volta a ser **eu testemunha** na descrição da tragédia esquizofrênica do crime, e suas cenas finais.

Sabe-se que a matéria-prima do discurso literário são as vivências ou emoções humanas. Verifica-se que o conto é rico em vivências *identitárias* autênticas do pago rio-grandense. Isso não impede a primazia aos lances *dramáticos* e *trágicos*. Aparentemente não há lirismo, são fatos crus, sem filigranas... Por isso contém forte apelo *crítico* ao leitor, diante do avesso dos padrões éticos nos comportamentos dos personagens focalizados. A narrativa surpreende pelo máximo de efeito extraído de uma articulação simples mas habilmente estratégica dos lances. É abordada, não como simples especulação sádica, mas como um realismo que expõe as *situações limite* do ser humano.

A evolução do enredo e dos personagens vai metamorfoseando o cenário inicial tranquilo e didático, de diversão leviana – para um clima tenso, onde é fácil deduzir, no íntimo dividido dos personagens, o afloramento das paixões interiores que dão origem ao conflito.

A história oculta é justamente o mercantilismo levado ao nível mais explícito – desumanizando as relações comunitárias (corrupção do pago), gerando pessoas divididas, seduzidas por uma lógica falsa de coisificação que conduz a uma espécie de canibalismo, a ponto de provocar as reações mais imprevisas e desencadear a bestialidade. Mas é, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre a incapacidade do sistema mercantilista em reduzir o ser humano ao último rastejar do servilismo. Acuado ao limite, o ser humano usa o próprio instrumento da animalidade para sobreviver.

O autor com breves comentários intercalados exerce no estilo a sua capacidade de iluminar previamente os sumários e as cenas que dão ao leitor informação antecipada dos desfechos, uma lucidez que não desmancha, antes aumenta o prazer da leitura.

A técnica narrativa aproxima-se do modo teatral ou dramático, pois o narrador Blau fica mais discreto por detrás da cena, parecendo mais frio, mais neutro e até mais impiedoso, deixando ao leitor a quase total responsabilidade de compadecer-se, enojar-se e julgar uma história *“tão suja”*. O conto entretanto, jamais pode ser confundido com uma simples reportagem policial. Ao reorganizar as vivências triviais, a arte de Simões contém sutil análise psicológica, cumprindo, com descrição, mas eficiência, a *função cultural*, tão diferente dos relatos tipo *mundo cão* de certa literatura ocidental.

Jogo do osso

— Pois olhe : eu já vi jogar-se uma mulher num tiro de taba. Foi uma parada que custou vida... mas foi jogada !

Um pouco p'ra fora da Vila, na volta da estrada, mettida na sombra dumas figueiras velhas ficava a vendola do Arranhão; era um bochinche mui arreventado, e o dono era um sujeito alarifaço, cá p'ra mim, desertor, meio espanhol meio gringo, mas mui geitozo para qualquer arreglo que cheirasse á plata...

Mui destravado da lingua e ao mesmo tempo rezador, sempre se santiguando e olhando por baixo, como porco, tudo p'ra elle era negocio : comprava roubos, trocava couzas, emprestava p'ra jogo, com uzura, e sempre se atrapalhava para menos, no troco dos pagamentos.

As vezes armava umas carreirinhas, que se corriam numa cancha dumas tres quadras que elle mesmo tinha arranjado a um lado do potreiro; então conchavava algum gringo tocador de realejo e estava preparado o divertimento. O que elle queria era gente, peonada, andantes, vagabundos, carreteiros, para poder vender canha e comida e doces; e de noite facilitava umas mezas de primeira, de truco ou de sete-em-porta para tirar o cafe. Doutras ocações ajeitava uma dansarolas que alvorojavam o chinaredo da vizinhança.

Por este pano de amostra vancé vê o que seria aquelle gavião.

Duma vez que elle tinha trançado umas carreiras, com duas ou tres pencaas de patacão, e se havia ajuntado algum povo, tudo gãuchada leviana, chuveu.

A chuvarada estragou a cancha, molhou as carpetas, atrapalhou tudo.

E a gente foi ganhando na venda, apinhoscou-se por debaixo das figueiras e no galpão.

Quando passou o aguaceiro e oriou o terreiro, deram alguns aficionados para jogar o osso.

Vancé sabe como é que se joga o osso ?

Ansím :

Escolhe-se um chão parelho, nem duro, que faz saltar, nem mole, que acama, nem arciento, que enterra o osso.

E' sobre o firme macio, que convem. A cancha com uma braça de largura, chegá, e tres de cumprimento; no meio bota-se uma raia de piola, amarrada em duas estaquinhas ou mesmo um risco no chão, serve; de cada cabeça da cancha é que o jogador atira, sobre a raia do centro : este atira daqui p'ra lá, o outro atira de lá p'ra cá.

O osso é a taba, que é o osso do garrão da rez vacum. O jogo é só de *culo* ou *suerte*.

Culo é quando a taba cai com o lado arredondado p'ra baixo : quem atira assim perde logo a parada. Suerte é quando o lado chato fica embaixo : ganha logo e sempre.

Quer dizer : quem atira culo perde, si é suerte ganha e logo arrasta a parada.

Ao lado da raia do meio fica o *coimeiro* que é o sujeito depositario da parada e que a entrega logo ao ganhador. O coimeiro tambem é que tira o barato—para o pulpeiro. Quazi sempre é algum aldragaute velho e sem vergonha, dizedor de graças.

E' um jogo brabo, pois não é ?

Pois ha gente que se amarra o dia inteiro nessa cachaça, e parada

A descrição da cena de sangue, dá a impressão de uma câmara lenta à medida que os corpos abraçados escorregam pela parede e pelo balcão até o chão. É inevitável a sensação de um pranto triste pelas vidas que se esvaem. A força dramática atinge o nível poético das grandes obras literárias, parecendo sair de páginas *shakespeareanas*.

Reportando-se aos aspectos da linguagem, verifica-se que a numerosa incidência de termos regionais, - sobem a 63 - dá um cunho original, indispensável à animação poética do conto. Marcando fortemente a experiência ali vivida no ambiente do interior rio-grandense, tais expressões do linguajar gauchesco por terem existência histórica, não pesam como exotismo e não impedem de modo algum a apreensão do sentido pelo leitor leigo, desde que a concatenação das frases e pensamentos é sempre feita dentro do vernáculo português onde já tiveram e ainda têm parcialmente vida.

Note-se o contraste entre a descrição do personagens Arranhão com seu bolicho arrebetado, mesmo assim parque de diversões rural e as condições do par Ruivo e Lalica - agregados pobres sem terra: mesmo com relativa acomodação, chegando a ter cavalo e vacas de leite em seu posto ou rincão da Estância das Palmas. Domador e china que só são aceitos na sociedade mundana, marginal, entre a "gauchada leviana". Essas breves descrições, numa ótica social, sugerem que a insatisfação com a falta de sentido da vida os faz presa fácil das opções ilusórias de lazer oferecidas no bolicho, onde se cultivam as relações alienadas, - jogo carteadado, roleta, apostas de carreiras e jogo do osso - e que se exemplifica na "aparceria" entre o Ruivo e o Osoro.

O rótulo "gauchada leviana" é aparente, pois a exterioridade, a "pose" dos "aficionados", não tem força de conter os conflitos da sua interioridade. Os diálogos do jogo do osso mostram um Ruivo paranoico, que pensa governar o destino a tiro de taba. E que, à medida que "respeita as regras", quer colocar a realidade à força dentro de seus desejos, jogando tudo numa vitória que não vem. *Má raios! (...) Isso é mau olhado de algum roncolho mirone!...O desespero torna-se passo a passo inconduzido, para o conduzido que se imagina sempre condutor. "Não tem veremos! (...) Olha guincha que te prendo as chilenas!*

Certos adjetivos, pela colocação oportuna no discurso literário, contribuem para iluminar a história: "um sujeito *alarifaço*, cá para mim *desertor* meio espanhol, meio gringo", etc. "Por esse pano de amostra, vancê vê o que seria aquele *gavião*"..."É um jogo *brabo*, pois não é?"..."A cusa ia ser *tirana*"...- são inserções que marcam o estilo simoniano.

No episódio de entrega, o narrador usa de um hábil artifício, começando pelo discurso indireto, ("O que se passou entre aquelas três criaturas, não sei"...) - Não sabe mas supõe: "por certo que o Chico Ruivo disse à China que a jogara numa parada de taba".) - para, em seguida, resgatar nos diálogos, os discursos diretos e audíveis, como de Osoro: - *Eu, se perdesse o ruano, o Chico já ia daqui montado nele*" E o de Lalica: - "*Sempre é muito baixo!..., guampudo, ruano, por gosto!*", etc. Desse modo o narrador permanece na condição de observador "neutro" externo ou "Eu testemunha", escapando por um fio de entrar no íntimo dos personagens, pois se o fizesse estaria sendo "onisciente intruso". Assim, mantendo a

á parada envida tudo : os bolivianos, os arreios, o cavallo, o poncho, as esporas. O facão nem a pistola, isso, sim, nenhum aficionado joga ; os falaverdade é que tem de garantir a retirada do perdedor sem debocheira dos ganhadores... e, cuidado... muito cuidado com o gäücho que saiu da canchã do osso de marca quente !...

Pois dessa feita se acolheraram a jogar a taba o Ozoro e o Chico Ruivo.

O Ozoro era um moreno mui milongueiro, compositor de parrelheiros e meio aruá; andava sempre metido pelos ranchos contando historias ás mulheres e tomando mate de parceria com ellas.

O Chico era domador e morava de agregado num rincão da estancia das Palmas; e vivia com uma piguancha bem geitoza, chamada Lalica.

Nesse dia tinha vindo com ella ao festo do Arranhão.

Enquanto os dois jogavam, a mo-
[roxa andava lá por dentro, com as
outras, saracoteando.

171 Havia violas; havia tocadores; a
farra ia indo quente.

E os dois, jogando. O Chico perdia uma em cima da outra.

— Culo ! Outra vez ?... Má raios!...

— Suerte, chê ! Ganhei ! repetia o Ozoro.

— Jogo-te o tostado, aperado, valeu ?

— Tópo !

— É culo !... Isto é mau olhado dalgum roncolho mirone !...

E relanceou os olhos pelos vedores, esperando que algum comprasse a camorra ; ninguém se picou.

— Jogo o teu ruano contra as duas tambeiras da Lalica !

— E' pouco, Chico !... Ainda si fosse a dona !...

— Ozoro, não brinca !... ! Pois olha ; jogo !

— O ruano ?

— O ruano contra a Lalica ! Assim como assim, esta china já está me enfiando !...

— Pois topo !

Os mirones se entreolharam, boquejando, alguns; elles bem viam que o gaücho estava sem liga, que já tinha perdido tudo, o dinheiro, o cavallo, as botas, um rebenque com argolão de prata ; e agora, o outro, o Ozoro, para completar o carxeio, ainda tinha topado a ultima parada, que era a china..

A couza ia ser tirana ; correu logo voz ; em roda dos dois amontoouse a gente.

O Ozoro atirou, e deu suerte...

O Ruivo atirou, e deu suerte...

— Ora, não deu gosto ! disse um

— Outra mão ! disse o outro

E o Ruivo atirou : culo !

O Ozoro atirou : suerte !

— Ganhei, aparceiro !

— Pois toma conta, ermão !

— Tu é que tens de fazer a entrega...

— Não tem veremos... Trato é trato !...

Já ia querendo anoitecer.

O que se passou entre aquellas tres criaturas, não sei ; se juntaram num canto do balcão da venda e falaram. Por certo que o Chico Ruivo disse á china que a jogara numa parada de taba ; o Ozoro só disse uma vez :

— Eu, si perdesse o ruano, o Chico já ia daqui montado nelle...

173 A Lalica deu uma rizadinha amarela ; olhou o Ozoro, olhou o Chico Ruivo, cuspiu de nojo e disse p'ra este, na cara :

— Sempre és muito baixo !..., guampudo, por gosto !...

— Olha, guincha, que te grudo as chilenas !...

— Iche ! Este, agora, é que me ensilha, retalhado !...

aparência de objetividade, o narrador leva o próprio leitor a perceber a subjetividade ou estado de espírito dos personagens, evidenciada pelo crescendo das tensões – no jogo e na venda – agravadas pela linguagem agressiva da china, ofendida e do seu pretense dono, ofensor.

A metáfora principal do conto está no mito da “liga” que para a cultura popular assume vários nomes: “pôtra”, “suerte”, “boi barroso”, “buenadicha”. E que se resume no culto da ilusão, em que as pessoas não tomam nas mãos o caminho consequente, confiando nos caprichos do acaso. Qual foi a “vitória final” do Ruivo? Mesmo com o brutal desvendilhamento dos compromissos e a fanfaronada compensatória (“Siga o baile!...”) só lhe restou a fuga e o agravamento de sua marginalidade. Para ele, como gaúcho leviano, é de certa forma um recomeço, nova busca do boi barroso.

Quanto à personagem Lalica, divergimos das leituras que lhe atribuem – assim como às demais mulheres dos Contos Gauchescos – um papel destruidor. Antes sim, vítimas dos conluios machistas, como ainda ocorre no presente brasileiro e mundial. Em que pese o uso das armas femininas – e as comparações equíparas contudentes – a personagem Lalica figura em posição nitidamente superior no atrito cultural, em detrimento das apelações do Ruivo.

Sua rebeldia xucra, devolvendo as ofensas ao preço da própria vida, incluem-se entre os símbolos mártires da luta histórica da mulher por sua integridade.

Mario Mattos

Nisto um violeiro pegou a rufar uma dansa chorada ; umas parelhas pegaram a se menear no compasso da muzica e logo o Ozoro, para cortar aquelle aperto, travou do pulso da moroxa, passou-lhe o braço na cinta e quazi levando-a no ar entrou na roda dos dansadores ; o Ruivo ficou quieto, mas de goela seca e nos olhos com uma luz diferente.

Na primeira volta, quando o par passou por elle, a china ia dizendo mui derretida :

—Quando quizeres, meu negro...

Na segunda volta, como num des-pique, ella tornou a boquejar p'r'o Ozoro :

—Eu vou na tua garupa...

174 E na noutra, a china vinha calada, mas com a cabeça deitada no peito do par, olhando terneira p'ra elle, com uma luz de rizo, os beijos encolhidos, como armando uma promessa de boquinha ; e o Ozoro se esqueceu do mundo.. e colou na bota da tentação um beijo gordo, demorado, cheio de dezaforo...

O Chico Ruivo teve um estremeção e deu um urro entapido, arrancou do facão e atirou o braço p'ra deante, numa cegueira de raiva, que só encherga bem o que quer matar...

E vai, como pegou o Ozoro pela esquerda, do lado, meio por detraz, por debaixo da paleta, o facão saiu no rumo certo e foi bandejar a Lalicea meio de lado, sobre a esquerda da frente.

Vancê comprênde ? Do mesmo talho varou os dois corações, espetou-os no mesmo ferro, matou-os da mesma morte, fazendo os dois sangues, num de cada peito, correrem juntos num só derrame... que foi lastrando pelo chão duro, de cupim socado, lastrando... até os dois corpos

baterem na parede, sempre abraçados, talvez mais abraçados, e depois tombarem por cima do baleão, onde estava encostado o tocador, que parou um rasgado bonito e ficou olhando fixe para aquella parelha de dansarinos morrentes e farristas ainda !...

Levantou-se uma berraçada.

175 — Matou ! Foi o Chico Ruivo !...
Amarra ! Cérca !...

Mas o Ruivo parece que voltou a si ; coriscou o facão aos dois lados e atropelou a porta, ganhou o terreiro e se foi ao palanque onde estava o ruano do Ozoro : montou e gritou p'ra os que ficavam :

— Siga o baile !...

E deu de redea, no escuro da noite.

O Arranhão acudiu ao berzabum ; aquelle safado, curtido na ciganajem só soube dizer :

— Pois é... jogaram o osso, arramaram a sua parranda... mas nenhum pagou nada ao coimeiro !... Que trastes !...